

APRENDIZAGEM ESPORTIVA ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE O ESPORTE E A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS

LEARNING SCHOOL SPORTS: A STUDY OF THE SPORT AND THE CITIZENS' FORMATION

Robson Gonçalves da Silva¹, Guilherme Luiz Kajihara¹, Carlos Cezar Grecco¹, Leandro Marques Pereira¹ e Paulo Eduardo Torres Tondato²

¹ Discente do curso de Educação Física da Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS.

² Mestre em Psicologia da Saúde, pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp; docente do curso de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo fazer uma crítica aos métodos de ensino atual dos esportes no âmbito escolar, por intermédio da concepção crítico-emancipatória, concepção esta defendida por diversos autores, como Bracht, Saviani e Kunz. A metodologia utilizada foi a revisão de bibliografia. O resultado obtido, bem como a conclusão desta breve revisão, indicam que ainda existe um caminho longo a ser percorrido, no sentido de haver mudança na utilização do esporte como ferramenta pedagógica, e não apenas como busca pela excelência esportiva, de *performance* ou, ainda, como manutenção de valores sociais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: educação física escolar, esporte, educação.

ABSTRACT

This study had as objective to critique the way of current teaching of the sports in the school extent, through the critical-emancipatory conception, conception defended by several authors with Bracht, Saviani and Kunz. The used methodology was the review of the literature. The obtained result as well as the conclusion of this brief review was that there is still a long way to be taken in order to change the use of sport as a pedagogical tool and not merely the pursuit of sporting excellence, of performance or still as maintenance of socio-political economic values.

Keywords: school physical education, sport, education.

I. INTRODUÇÃO

Ao tentar-se identificar como o esporte vem sendo ensinado nas aulas de Educação Física escolar, ao longo de seu desenvolvimento histórico na sociedade capitalista industrial, encontrou-se uma prática educativa que atende aos interesses hegemônicos e transmite aos alunos valores que vão a favor da política econômica capitalista dominante. Esta concepção de esporte é ensinada desde cedo para as crianças, buscando o aprendizado de técnicas de cada modalidade e, muitas vezes, criando frustrações para a maioria dos alunos por eles não conseguirem obter um resultado atlético ou de *performance* final satisfatório, compatível com a vida de um atleta de alto rendimento.

Assim, por meio desta pesquisa, foram buscadas possíveis soluções para que o esporte ensinado na escola objetive produzir um outro conhecimento que vá além destes encontrados e tenha por finalidade contribuir para a formação de cidadãos emancipados, que consigam ter uma visão crítica do esporte encontrado na realidade para que, assim, sejam capazes de entender o fenômeno esportivo de uma outra forma que não seja o de alto rendimento.

O conhecimento que se considerou mais adequado a ser transmitido nas escolas é o da “cultura corporal do movimento”, defendido por Bracht (1999) e Saviani (2000), que criticaram o esporte de alto rendimento dentro da escola e manifestaram-se a favor de uma

pedagogia crítico-emancipadora. Acredita-se que o ensino crítico-emancipador é uma das possíveis saídas para que a Educação Física forme cidadãos autônomos, que consigam se livrar de uma falsa consciência autoimposta. Para que se consiga concretizar esta proposta, é preciso obter mais estudos sobre uma temática de ensino, de modo que ela tenha maior legitimidade dentro da área, conseguindo transformar as aulas de Educação Física.

Identificar um objeto de ensino da Educação Física escolar é imprescindível para que a disciplina ganhe valorização dentro da instituição de ensino e para que os professores de Educação Física obtenham uma identidade na área escolar e na sociedade, podendo lutar por condições melhores de trabalho e por uma educação que consiga produzir cidadãos emancipados e autônomos. Isso faz com que se procure encontrar uma concepção de ensino que atenda aos problemas encontrados na Educação e, principalmente, na Educação Física, que vem se desvalorizando como uma disciplina escolar. Kunz (2000) afirmou que somente quando os conceitos de “corpo” e “movimento” forem definidos de acordo com sua contribuição à Educação e ao desenvolvimento do jovem, pode ser decidido como e com que objetivo o esporte pode se tornar objeto de ensino na Educação Física. Assim como Bracht (1999), defende-se a “ideia de que, para a configuração do saber específico da Educação Física, deve-se recorrer ao conceito de cultura corporal de movimento”. Acredita-se na utopia de Kunz (2000), que disse:

[...] a Educação Física, conseguindo introduzir com competência e organização a formação de indivíduos críticos com perspectiva emancipadora, poderia iniciar um processo concreto de redimensionamento da educação do jovem no Brasil e ser imediatamente acompanhada pelas demais disciplinas escolares, pois, na verdade, só existe uma formação crítico-emancipadora da escola e não apenas de uma disciplina.

Mas isto não é o que se encontra hoje nas maiorias das aulas de Educação Física escolar, que ainda se apresentam sem qualquer preocupação pedagógica, ou seja, contemplam o esporte apenas pelo discurso da *performance*, conforme afirmou Bracht (1999), apenas para conseguir uma certa legitimidade social, deixando de lado a importância do movimento humano, que é social, histórico e cultural, e que foi a origem de muitas modalidades esportivas. Faz-se necessário o

desenvolvimento de estudos sobre novas abordagens de ensino dentro da Educação Física escolar para que ela tenha um reconhecimento como uma prática pedagógica formadora de cidadãos. Assim, é importante que, cada vez mais, se busque uma nova concepção da Educação Física e sua relação com o esporte. Para isso, é importante haver novos estudos sobre o tema, de maneira que sejam encontrados caminhos de atuação profissional.

Esta revisão de literatura é importante para a área de Educação Física, que hoje em dia se encontra em busca de uma identidade própria e, por vezes, acaba por se basear nos conteúdos de outras disciplinas, como a Biologia, a Psicologia e a Medicina, por exemplo, principalmente por reproduzir os interesses de uma classe dominante encontrada na sociedade capitalista, atendendo às suas vontades que, geralmente, vinculam-se ao *marketing* lucrativo.

Além disso, o esporte, como parte integrante do ensino da Educação Física, deve estar contido nas aulas de Educação Física escolar, porém precisa contribuir para a emancipação humana que é proposta. O esporte deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da interação social e da competência objetiva. Assim, buscou-se encontrar uma aprendizagem esportiva que consiga efetivar estes objetivos para a Educação Física escolar.

O objetivo deste trabalho é aprofundar os estudos já existentes, sobre a aprendizagem esportiva encontrada na escola, principalmente da concepção crítico-emancipatória, e a partir daí encontrar uma especificidade de ensino para as aulas de Educação Física escolar, que, ao longo dos anos, foi perdendo seu valor educativo. Procurou-se encontrar um conhecimento que torne a Educação Física escolar uma disciplina que tenha um reconhecimento dentro do ambiente escolar e que ajude o desenvolvimento da sociedade, criando indivíduos emancipados, críticos e autônomos.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se uma abordagem exploratória da literatura, procurando referências bibliográficas que abordassem o histórico e a evolução da Educação e da Educação Física brasileira, as relações do esporte com a sociedade e as tendências pedagógicas que permeiam estas áreas.

¹ Bracht utilizou o termo “moderno” com base no que Giddens (1991) chamou de sociedade moderna.

2. O ESPORTE

A gênese do esporte “moderno”¹ aconteceu na Inglaterra, a partir do século XVIII, em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa. A burguesia britânica praticava atividades como tênis e esgrima (esporte), mais pelo componente convencional do *fair play* (BRACHT, 2005). A partir do século XIX, os filhos desses burgueses praticavam estas atividades nas escolas públicas e nas universidades e, com a necessidade de que houvesse continuidade destas atividades fora das instituições de ensino, foram criados os clubes esportivos. Já ao final do século XIX e no início do século XX, foram surgindo organizações que congregavam grupos de clubes e que promoviam competições. Surgiram novos esportes, ou seja, “esportivizam-se (*sic*) uma série de práticas corporais e logo se aproveita a possibilidade de explorar comercialmente os eventos esportivos, surgindo o profissionalismo” (BRACHT, 2005). É importante ressaltar que muitos dos elementos característicos da sociedade capitalista industrial vão ser incorporados e estão presentes no esporte, como a orientação para o rendimento e a competição, a cientificidade do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis e o nacionalismo, por exemplo.

A partir das décadas de 1960 e 1970 do século XX, o fenômeno esportivo foi incorporado à área de Educação Física, fazendo com que o discurso humanista (pedagógico) da respectiva área fosse substituído pelo cientificista, com base nas ciências do esporte. Kunz (2000) disse que “essa ciência torna os indivíduos praticantes desse esporte como objetos de manipulação, objetos à sua disposição, para ‘trabalhá-los’ de forma externa a eles próprios, ou seja, sem a sua participação efetiva na busca de soluções para o aperfeiçoamento físico-técnico”. Este movimento acontece como uma estratégia de alcançar uma certa legitimidade da Educação Física no campo acadêmico, começando “a denominá-la de ciência e a organizar espaços de produção e veiculação do conhecimento a partir dessa ideia”, de acordo com Bracht (1999). Tem lugar a educação do gesto, pensada a partir de análises laboratoriais. Tem lugar também um conteúdo predominantemente de natureza esportiva. A abrangência anterior perde terreno para a aula como o lugar do treino esportivo e do jogo esportivo como conteúdo, senão único, certamente predominante. O modelo de aula é buscado nos parâmetros fornecidos pelos métodos de treinamento. As partes constitutivas de uma aula são ditadas mais pela Fisiologia do que pela Pedagogia (KUNZ, 2000).

Os professores transmitem o conhecimento sobre as modalidades esportivas aos alunos, porém o esporte que é ensinado é o de rendimento, em que os professores são considerados “especialistas” que possuem um saber técnico a ser transmitido para os alunos, os quais devem aprender estas técnicas para poderem adentrar a vida esportiva e, se possível, nela continuar (BRACHT, 2000). Isto ocorre porque o esporte de rendimento busca a seleção dos melhores, e os melhores são aqueles que têm melhor aptidão física e conseguem dominar certas destrezas técnicas melhor do que outros. Kunz (1991) disse ainda que os princípios ou as regras básicas do esporte de rendimento são as da sobrepujança e das comparações objetivas. Segundo Digel (*apud* BRACHT, 2005: 17), o esporte de rendimento constitui, hoje, um sistema que pode ser resumido nos seguintes pontos:

Possui um aparato para a procura de talentos normalmente financiados pelo Estado. Além disso, este aparato promove o desenvolvimento tecnológico, com o desenvolvimento de aparelhos para a utilização ótima do “material humano”; possui um pequeno número de atletas que têm o esporte como principal ocupação; possui uma massa consumidora que financia parte do esporte de rendimento; os meios de comunicação de massa são quem os co-organizam (*sic*) e possui um sistema de gratificação que varia em função do sistema político-societal.

Esta afirmação mostra que o esporte de rendimento está diretamente ligado aos interesses políticos e econômicos da sociedade capitalista industrial em que se vive, levando a acreditar numa teoria que Saviani (2000) chamou de “teoria crítico-reprodutivista”. Consoante esta teoria, Althusser (*apud* SAVIANI, 2000: 23) disse que a escola é um:

Aparelho ideológico do Estado que transmite saberes práticos envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, [em] que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados.

Na década de 1990, surgiram as primeiras publicações com referências para a mudança da prática da Educação Física escolar. Uma das perspectivas foi a da “cultura corporal de movimento”. Segundo Kunz (2000), para os autores que desenvolveram esta teoria:

O esporte é uma prática social de origem histórico-cultural definida e que precisa ser questionada como conteúdo pedagógico, especialmente em relação às suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria. Para tanto é necessário no contexto escolar “desmitificá-lo”, através de conhecimentos que permitam aos alunos criticá-lo dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural. O mesmo conhecimento deverá, também, capacitar os alunos para a compreensão de que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem o direito à prática do esporte.

Segundo Bracht (1999), nesta perspectiva, o movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo, que é constituinte e construtora de cultura, mas também dependente dela. Para este autor, “o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado do mover-se, sentido/significado mediado simbolicamente e que o coloca no plano da cultura”. Porém, deve-se trabalhar o movimentar-se articulado com um conceito de cultura que tenha pressupostos sociofilosóficos da educação crítica, já que o conceito de cultura pode ser definido e operacionalizado em termos sociais e politicamente conservadores.

Kunz (2000), baseado em Habermas (1981), propõe um ensino crítico-emancipatório acompanhado de uma didática comunicativa, a qual é uma didática que pressupõe que a educação é sempre um processo onde se desenvolvem ações comunicativas, e, para que ela possa ser compreendida e reconhecida, são necessários, pelo menos, dois sujeitos agentes. A capacidade comunicativa deve ser desenvolvida no aluno para que ele possa fundamentar a função do esclarecimento e construir um pensamento racional, no sentido do esclarecimento. Afirmou Kunz (2000) que:

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significado nesta vida, através da reflexão crítica.

No esporte, assim como em qualquer outro fenômeno social, existem “especialistas” que limitam o uso da razão crítica, do agir social, cultural e esportivo dos

alunos. Estes especialistas agem através dos meios de comunicação, meios de produção e reprodução cultural e, também, por intermédio da educação escolar, construindo uma coerção imposta, que é legitimada para as pessoas não a perceberem. Eles transmitem uma falsa consciência, que, no caso do esporte, é o esporte de alto rendimento, que é ensinado como modelo adequado para a prática esportiva. Trata-se de uma falsa consciência, pois o que existe hoje é uma exigência física e técnica muito alta, em razão da qual poucas crianças conseguem acompanhar e, quando o conseguem, acabam se prejudicando. Além de tudo isso, as crianças estão cada vez mais dentro de casa, sem espaços para se movimentar, e são encontrados poucos lugares públicos adequados para a prática esportiva tão aclamada.

O professor deve fazer com que as crianças se liberem desta falsa consciência autoimposta, incluindo, em suas aulas, conteúdos de caráter teórico-prático que, além de mostrarem a realidade esportiva, permitam aos alunos melhor organizar a sua realidade na sociedade, construindo movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades, as quais serão encontradas em sua vida. Para isto, devem ser ensinados, além de habilidades técnicas, aspectos como a interação social, que deveria ser tema de aula, enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável educacional e participativa, e a linguagem, que, na Educação Física, ganha importância maior, pois abrange não só a linguagem verbal, mas todo o “ser corporal”, o ato de “se movimentar” enquanto diálogo com o mundo. Giroux & McLaren (*apud* KUNZ, 2000: 43) disseram que “conduzir o ensino na concepção crítico-emancipatória, com ênfase na linguagem, é ensinar o aluno a ler, interpretar e criticar o fenômeno sociocultural do esporte”.

A Educação Física escolar deve compreender o homem como um ser que se movimenta, relacionado a todas as formas de manifestação deste “movimentar”, tanto no esporte como em todos os sentidos do movimento encontrado no mundo, ou seja, na família, no trabalho, em todo o meio em que se vive, pois o homem continua a se movimentar mesmo fora da prática esportiva. Para que o esporte possa ser mais bem utilizado numa aula de Educação Física, considerando os condicionantes socioeconômicos e culturais, Dietrich & Landau (*apud* KUNZ, 2000) apresentaram uma forma de trabalho a partir da encenação, utilizando o termo por empréstimo do teatro. Nos estudos de Kunz (2000), pela encenação do esporte, podem ser destacadas três

formas de manifestação pedagógica do ensino: trabalho, integração e linguagem. O trabalho se divide em dois momentos da participação dos alunos. No primeiro, através de arranjos materiais ou situações-problema, é explorada a criatividade da criança, a experimentação de suas possibilidades sem que haja utilização de alguma técnica específica – as crianças desenvolvem os movimentos de acordo com suas vivências e experiências. No segundo momento, algumas das tarefas exigem uma certa técnica de movimento, e, ao ensinar-se às crianças, servirão de estímulo alegrias individuais, mais prazer na participação das tarefas de movimentos e obtenção de melhores resultados na solução dos problemas apresentados. Quanto à interação, esta é importante para que os alunos se auxiliem mutuamente a fim de superar certas barreiras, como o medo, a insegurança e a falta de alguma habilidade, pois não se descobrem e não se desenvolvem experiências de maneira isolada, sozinha. O importante, na interação, é a demonstração das experiências do movimento, das soluções encontradas. Na categoria linguagem, o professor tem o papel de voz ativa, em dar instruções etc., porém isto não é o mais importante. O professor deve prestar atenção a não tirar, em nenhum momento, a alegria do aluno em participar e em trabalhar. O professor deve constantemente desafiar os alunos ao diálogo, com o objetivo de aprender a se entender melhor e a entender melhor o outro na situação do diálogo.

Esta é apenas uma proposta de trabalho feita por Kunz (2000) para uma aula de Educação Física de acordo com a concepção crítico-emancipadora. É necessário que se façam mais estudos para que se concretize esta ideia como alternativa das aulas de Educação Física nas instituições de ensino, assim como nas universidades que oferecem curso de Educação Física.

A Educação Física escolar necessita estar comprometida com finalidades mais amplas, ou seja, além da suas especificidades, ela deve ainda se inserir nas propostas político-educacionais de tendência crítica da Educação. O esporte, como parte da Educação Física, deve agir com este propósito, e não de apenas como um meio de legitimar a Educação Física e, muito menos, de reprodução ideológica dentro da escola. É preciso que os alunos criem uma autonomia para se livrar da falsa consciência imposta pelos aparelhos ideológicos, e acredita-se que o ensino crítico-emancipador seja um meio de fazer isto dentro da instituição escolar.

O fim de tudo certamente só alcançaremos quando conseguirmos ensinar um esporte de tal forma que as nossas crianças possam crescer, desenvolver-se e tornarem-se (sic) adultas através dele e, quando isto acontecer, quando se tornarem adultas, possam praticar esportes, movimentos e jogos como crianças (KUNZ, 2000).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, conclui-se que a concepção crítico-emancipatória do ensino da Educação Física escolar é necessária para que haja uma mudança no aprendizado de esportes dentro da escola. Por meio de tal concepção, as crianças poderiam entender o fenômeno esportivo de uma outra forma que não seja o de alto rendimento, o qual é de interesse da classe dominante. A criança poderá ter uma visão crítica do esporte dentro da sociedade e refletir sobre o que é o movimento humano, podendo interagir com o mundo por intermédio de seu corpo. Com isso, a aprendizagem esportiva contribuiria efetivamente para a formação de cidadãos críticos e emancipados.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. *Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1981. Traducido do original: *Theorie des Kommunikativen handelns*, Frankfurt.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2000.

_____. *Educação Física: ensino e mudança*. Ijuí: Unijuí, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados,